

## NOTÍCIA DE PESQUISA

### **UMA VIAGEM PELOS VALES DA SOMBRA E DA MORTE: UMA ANÁLISE DO PAPEL DO SUICÍDIO NA OBRA DE DOSTOIÉVSKI**

WILLIAN DOS SANTOS FERREIRA\*

Posso afirmar que o suicídio foi uma ideia ou fantasma que me acompanhou ao longo desta trajetória de "vida". Ao mesmo tempo em que me causava espanto de saber que tal pessoa "cometeu" suicídio ficava fascinado com a coragem do mesmo.

Ao longo do tempo esse fantasma foi tomando corpo... Primeiro como uma forma asquerosa, pois a religião cristã como um todo (a católica de influência familiar e a protestante que acabei por me enveredar condenavam ao sofrimento eterno aqueles que intentavam encerrar suas vidas).

Sempre que ouvia ou descobria que alguém caminhou por essa trilha eu procurava alguma justificativa tanto para confortar minha mente como para convencer o outro de que a pessoa teria se arrependido, pedido perdão a Deus nos momentos finais de sua vida ou não possuía o domínio pleno de suas faculdades mentais tudo para não aceitar que o suicida teria o inferno como uma morada eterna...

Esse fantasma assombroso ganhou uma nova faceta quando adentrei os portões do mundo acadêmico; A resposta cristã para o suicídio não me era mais suficiente para aplacar ou satisfazer as

inquietações da minha mente, ou para solucionar as diversas crises existências que passei... Principalmente quando me deparei com Dostoiévski e Nietzsche - Poderia com certeza apresentá-los como marcos divisores nessa trajetória de encontrar uma resposta para essa problemática do suicídio que assim como em *Albert Camus* que na sua obra o *Mito de Sísifo* (1951) viu nos dois autores a base para formular em seu ensaio o conceito do suicídio como o mais complexo problema filosófico com o qual o indivíduo pode se deparar. E justamente nessa busca por respostas acerca do suicídio que entrei em contato com o escritor russo Fiódor M. Dostoiévski (1821-1881) com especial destaque para quatro obras do autor: *Crime e Castigo*, *Memórias do subsolo*, *Os Demônios* e *Irmãos Karamazov*. Assim acabei por desenvolver duas grandes inquietações: A primeira delas a tentativa de encontrar uma resposta para o problema do suicídio e a segunda investigar a obra desse grande escritor russo que até hoje consegue falar conosco através de seus romances.

Deste casamento nasceu a ideia motriz desse projeto: Investigar o papel que a problemática do suicídio dentro da obra de Dostoiévski. A própria vida do autor foi uma constante caminhada pelos vales sombrios e misteriosos da Morte como bem mostra a série biográfica do autor escrita por Joseph Frank<sup>1</sup> desde a mais tenra idade do autor o problema da morte se mostrava como algo enigmático – pois ainda durante sua infância perdera a mãe a quem era extremamente ligado, durante o período em que cursava a universidade o pai fora misteriosamente assassinado pelos próprios servos Dostoiévski carregou consigo a culpa pela morte do pai, pois a pressão que Dostoiévski colocava sob seu pai

através de pedidos cada vez mais exorbitantes por dinheiro fazia com seu pai explorasse cada vez mais seus servos. Durante a fase adulta, mais precisamente em 1849 Dostoiévski se envolveu com um grupo de radicais conhecidos como Petrachevski onde teve uma dupla condenação – A primeira uma farsa montada pelo próprio Czar que ordenou o fuzilamento de todos os envolvidos para no último segundo “perdoar” os envolvidos e condenar os mesmos ao trabalho forçado na Sibéria. Nesta prisão Dostoiévski se via isolado e separado da literatura tendo como único livro permitido a Bíblia e a proibição de escrever, durante esses anos de prisão Dostoiévski ruminou e muito seus pensamentos sobre a morte. Os últimos eventos que marcariam a trajetória de Dostoiévski com a Morte e até certo ponto com o suicídio foram as constantes dívidas devido ao vício do jogo que o fez viver um longo período de miséria e o fez fugir de seus credores e por último a epilepsia – a doença que acompanhou o autor ao longo tempo.

Para alcançar esse intento acabei por lançar mão da análise de um de seus mais controversos romances: *Os Demônios* (1871).

A obra em questão ganhou toda essa controvérsia devido ao fato de ser inspirada e servir como uma resposta para toda a discussão que tomou conta da Rússia a partir do ano de 1869 devido ao assassinato do estudante I. I. Ivanov pelos membros do grupo radical clandestino que fazia parte de orientação niilista chamado Justiça Sumária do Povo quando tentou romper com os mesmos.

O incidente em questão será usado por Dostoiévski para lidar com três grandes problemas que sempre perseguiram o autor em questão: O primeiro deles seria o mais acessível e que geralmente é alvo

de críticas; Dostoiévski buscou debater o problema de uma construção da revolução socialista e dos diversos programas ou propostas revolucionárias que tinham como influência os ideais e práticas europeias. Ao longo de sua trajetória como mostra o biógrafo Joseph Frank em sua série biográfica do autor, Dostoiévski sempre passou todos os projetos revolucionários eurocêntricos pelos mais duros crivo crítico, entretanto, tal postura é e foi vista pela crítica como uma postura reacionária e antieuropeia. Porém, tal perspectiva acaba por não perceber o quão rica e emblemática era a postura política de Dostoiévski, pois este procurava lidar e conciliar forças muitas vezes antagônicas como bem mostra *Flávio Ricardo Vassoler*:

A meu ver, a obra de Dostoiévski enforma-se segundo o movimento da contradição. Teses e antíteses são postas e pressupostas, entrecrocadas sem solução, de modo que uma síntese parcial tende a subsumir o caráter irresoluto dos embates dialógicos em função do hasteamento da bandeira de determinada ideologia. (VASSOLER, p. 42, 2012).

E justamente essa tentativa de conciliação acaba por tomar corpo nessa obra. O segundo problema a ganhar espaço em *Os Demônios* é a problemática de Deus na mentalidade russa. Deus sempre foi uma figura marcante tanto na vida como também em toda obra dostoiévskiana e em *Os Demônios* não seria diferente, aqui o autor busca construir as discussões Deus respondendo a todas as discussões que se faziam evidentes na época. Todavia, a questão só encontraria uma resposta parcial em sua última obra *Os irmãos Karamazov (1881)*<sup>2</sup>. Um dos autores que conseguiram visualizar e discutir a problemática de Deus dentro do

grande conjunto de obras de Dostoiévski foi o filósofo italiano Luigi Pareyson que habilmente consegue apresentar essa problemática:

Sem a presença de Deus, o mal e a liberdade não apareceriam na sua verdadeira dimensão e Dostoiévski não ultrapassaria o nível de um pessimista ou de um anarquista qualquer; reconduzidas ao problema de Deus como decisivo para o destino do Homem, a meditação sobre o mal e a meditação sobre a liberdade fazem de Dostoiévski um verdadeiro filósofo da tragédia humana. [...] O problema de Deus verdadeiramente “atormentou toda a vida” de Dostoiévski, bem como atormenta os seus personagens mais trágicos e continua a atormentar os seus leitores mais afins e congeniais. Deus não é, para ele, o objeto de uma afirmação, que se possa aceitar sem problemas, ou que, talvez, será árduo e tormentoso alcançar, mas que uma vez formulada, assegure àquele que enuncie uma paz definitiva e uma estável segurança. Deus espera o homem na esquina da rua, pronto a feri-lo no instante menos esperado e, com certeza, está mais próximo de quem se desespera por tê-lo negado do que daquele que crê possuí-lo por tê-lo afirmado.” (PAREYSON, pp. 152-154, 2012).

O terceiro problema que é levantado pela obra é a questão do suicídio que também é a válvula mestra do projeto que aqui ganha vida.

Este também foi um tema que acompanhou e inquietou o autor ao longo de sua trajetória artística, ao longo de seus romances e novelas, diversos são os personagens que lançam mão deste artifício para resolver embates e conflitos em que se encontravam inserido. Em sua dissertação *Thaís Figueiredo*<sup>3</sup> apresenta 22 suicídios realizados sendo 15 em seus romances e 7 deles aparecem em sua obra o *diário de um escritor*. (1873-1881).

Apesar do suicídio ser uma temática presente em Dostoiévski ele se intensifica entre os anos de (1860-1880), em razão deste ato intensificar e se alastrar por toda Rússia czarista durante a segunda metade do século XIX principalmente após a libertação dos servos ocorrida em 1861 que terá um impacto imenso na Rússia como demonstra *Marshall Berman*:

Logo se constatou que os servos continuavam aprisionados a seus senhores, que recebiam ainda menos do que lhes era anteriormente destinado, que estavam expostos a toda uma nova ordem de obrigações emanadas das comunas das vilas e que eram, na verdade, livres apenas nominalmente. Mas, além dessas e outras falhas substanciais do decreto emancipação, um sentimento de decepção enchia o ar. Os russos haviam esperado com fervor que o decreto de emancipação levasse a Rússia a uma nova era de irmandade e regeneração social e que fizesse dela um exemplo para o mundo moderno, ao invés disso, obtiveram uma sociedade de castas apenas um pouco modificada. Todavia, a amargura que se seguiu ao fracasso dessas esperanças foi decisiva para moldar a cultura e política russa dos cinquenta anos seguintes (BERMAN; p. 203, 1987).

A liberação dos servos somente evidenciou os grandes abismos existentes entre os diversos grupos que compunham a Rússia czarista e principalmente a efervescente São Petersburgo e diante desse clima de estagnação diversas ideias adentram na Rússia: Socialismo, anarquismo, liberalismo, niilismo e ateísmo todas elas tentando encontrar uma resposta para esse quadro trágico que pairava na Rússia e todas essas propostas de "salvação" são apresentadas na obra *Os Demônios*.

Além da reflexão epistemológica e política Dostoiévski evidencia que muitas dessas ações resultavam no suicídio, principalmente quando

os defensores desses ideais serem colocados em prática ou por verem que estas estavam distantes da realidade russa... E justamente para encontrar uma resposta e problematizar esse fenômeno que tomava conta da mentalidade russa, Dostoiévski inaugura uma perspectiva filosófica de análise do problema do suicídio, através de Kirillov uma das mais emblemáticas figuras de sua obra. Com esse personagem Dostoiévski estabelece a categoria do suicídio pedagógico que será um dos conceitos fundamentais que estruturam o projeto. Quanto ao projeto kirilloviano é possível vislumbrá-lo nesse trecho:

Parece que o senhor está se vangloriando diante de mim por que vai se suicidar – sempre me surpreendeu que todos continuassem vivos – Kirillov não ouviu a observação dele.

-Hum! Convenhamos, isso é uma ideia, no entanto.

- És um macaco e fazes coro ao que eu digo no intuito de me cativar. Cala a boca, não compreendes nada. Se não existe Deus, então eu sou Deus.

- Pois bem, nunca consegui compreender esse ponto do seu pensamento: Por que você é Deus?

- Se Deus existe, então toda a vontade é Dele, e fora da vontade Dele nada posso. Se não existe, então toda a vontade é minha e sou obrigado a proclamar meu arbítrio.

- Arbítrio? E por que obrigado?

- Porque toda a vontade passou a ser minha. Será que ninguém no planeta, depois de ter eliminado Deus e acreditado no próprio arbítrio, não se atreve a proclamar o arbítrio no seu aspecto mais pleno? É o que ocorre com aquele pobre que recebe uma herança, fica assustado e não se atreve a chegar-se ao saco por se achar fraco para possuí-lo. Quero proclamar meu arbítrio. Ainda que sozinho o farei.

[...]

- Sou obrigado a proclamar a descrença – Kirillov andava pela sala – Para mim não existe ideia superior à de que Deus não existe. Tenho atrás de mim a história da humanidade. O homem não tem feito

outra coisa senão inventar um deus para viver, sem se matar, nisso tem consistido toda a história do mundo até hoje. Sou o único na história do mundo que pela primeira vez não quis inventar um deus (DOSTOIÉVSKI, pp. 597-98).

Quanto a obra em questão; ela tem como fio condutor a figura tragicômica de Stiepan Trofimovitch que é acompanhado pelo narrador da história onde esse mostra o ex-professor universitário com fortes vínculos com a década de 1840 enquanto tenta se manter ativo intelectualmente em uma fictícia cidade provinciana próxima de São Petersburgo aqui o personagem em questão se deparará com um suposto grupo (quinteto) revolucionário que tenta instaurar uma revolução em toda Rússia a partir dessa cidade e através desses 5 revolucionários e um espectro (Nikolai Stavroguin) que ao mesmo tempo influencia mas deseja se afastar deles com essas personas Dostoiévski busca traçar as variadas problemáticas presentes nas décadas de 1840-60.

Esses 5 revolucionários formariam *O quinteto* que no romance seria uma espécie formação política epistemológica capaz de construir as bases para a tão sonhada revolução. Através dessas 5 figuras e de Stavroguin Dostoiévski consegue recriar e dar vida para cada um dos elementos epistemológicos que pautaram as discussões na Rússia e principalmente em São Petersburgo da década de 1860.

O quinteto inicial seriam os personagens Kírillov, Chatov, Piotr Stiepanovitch, Liputin, Chigailov, mas os dois primeiros acabam por se desligar do grupo e ao longo da história acabam por ser incorporados outras figuras como Virguinski, Liámchin e Erkel. E todos eles orbitando sobre a influência Stavroguin. O quinteto em questão tinha como

principal intento não apenas levar e instaurar todo um programa revolucionário, mas sim, arrasar e desintegrar toda a base social existente promovendo e incentivando todo tipo de ações torpes e decadentes visando com isso instaurar um verdadeiro caos (no sentido de desordem) para a partir desse conseguir criar uma “revolução”. Mais uma vez faço uso das discussões de Luigi Pareyson acerca de Dostoiévski para apresentar o plano dos Demônios:

Não deixar pedra sobre pedra é a coisa mais importante e mais necessária de tudo. É necessário destruir tudo para levantar um novo edifício.’ A palavra nova é por fim, provocar a revolta, mas que seja efetiva e, quanto mais perturbações e desordens, sangue e devastações, fogo e destruição de tradições houver, tanto melhor será. A mim não me interessa o que acontecerá depois: O essencial é que o existe seja agitado, abalado e arruinado, “A destruição pela destruição”. [...] Em segundo lugar, os “demônios” têm em mira a exaltação do crime. A liberdade absoluta, ilimitada e arbitrária, incapaz de distinguir o bem e o mal, voltada à negação e à destruição, leva à inversão de valores, substitui o bem pelo mal, pregando a transgressão da lei, a violação da moral, a prepotência do crime. “Deus, o matrimônio, a família e a propriedade são os fundamentos da vida atual e esses fundamentos são o pior veneno. Eu não sei o que será depois, mas sei que, abolidos, de uma vez, Deus, matrimônio, família e propriedade, isto é, toda a sociedade. [...] Os demônios “rejeitam inteiramente a moral”, e por não estarem animados por aqueles ideais políticos, que unicamente lhes servem de pretexto: O que os inspira é furor da destruição e a obsessão pelo crime; o seu programa é a destruição pela destruição (PAREYSON, pp. 55-143, 2012).

Com toda essa gama de personagem enigmáticos e conflitantes repletos de contradições Dostoiévski convida seus leitores a pensarem

suas experiências ou vivências políticas através de um escopo trágico e sombrio e justamente devido a esse seu intento que essa obra acabou por ganhar um olhar negativo da crítica da época e até mesmo da contemporaneidade.

## Referências

- AGUIAR, J. (Ed): **7 Clássicos Russos**. São Paulo: Pocket Duetto, 2010.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRADBURY, M. **O Mundo Moderno**; Dez Grandes Escritores. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp 39-60.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CIORAN, E. **Silogismos da Amargura**. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Os Demônios**. São Paulo: Editora 34, 2013
- \_\_\_\_\_. **Dois narrativas fantásticas**: A Dócil e O sonho de um Homem ridículo. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Crocodilo e Notas de Inverno sobre impressões de Verão**. São Paulo. Editora 34, 2011.
- DURKHEIM, É. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- FRANK, J. **As sementes da revolta**: 1821 a 1849. 2ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Os anos de provação**: 1850 a 1859. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os efeitos da Libertação**: 1860 a 1865. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- LUKÁCS, G. **A teoria do Romance**. Rio de Janeiro: Editora 34,
- NABOKOV, V. **Lições de Literatura Russa**. Rio de Janeiro: Três Estrelas, 2014.
- NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.

- \_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, 2009.
- NOGUEIRA, H. **Dostoiévski**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- PAREYSON, L. **Dostoiévski**: Filosofia, romance e experiência religiosa. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- PETEAN, L. A. C. **Fanatismo, dúvida e suicídio em Cioran**. São Paulo. Pocco Editorial, 2015.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: Tensões Sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo. Companhia das Letras, 2003. 2ª ed.
- SILVEIRA, H. **Três ensaios sobre Dostoiévski**. São Paulo. Livraria Martins, 1970.
- VASSOLER; R. F. (Org). **Dostoiévski e Berman**: O niilismo da modernidade. São Paulo: Intermeios, 2012.

## Notas

---

\* Mestrando em História pela PUC-SP. Especialista em História, Área de História, Sociedade e Cultura, pela mesma instituição. Professor da Rede Pública do Estado de São Paulo.

<sup>1</sup> O crítico-literário norte-americano Joseph Frank 1918-2013 é o autor da série biográfica sobre Dostoiévski composta pelos seguintes livros: *As sementes da revolta* (1821-1849), *Os anos de provação* (1850-59), *Os efeitos da libertação* (1860-65), *Os anos milagrosos* (1865-1871) e *O manto do profeta* (1871-81).

<sup>2</sup> No prefácio de *Os Irmãos Karamázov* Dostoiévski deixa claro a intenção de um segundo volume para sua obra na tradução realizada por Paulo Bezerra ele apresenta o seguinte comentário: “Estava nos planos de Dostoiévski dar continuidade a *Os Irmãos Karamázov*, escrevendo um romance que teria Aliócha como personagem central onde este partiria numa espécie de “senda em busca da iluminação” onde buscaria conciliar o cristianismo com o socialismo. Daí a expressão “segundo” romance” (N. do T.). Entretanto, Dostoiévski veio a falecer em 1881 impossibilitando que tal intento fosse realizado.

<sup>3</sup> *Tanatografia n’Os Demônios de Dostoiévski arena discursiva e suicídio literário de Stavróguin*. Dissertação de Mestrado defendida na UNB (Universidade de Brasília) em 2015.